



# miguilim

revista eletrônica do nefli

volume 9, número 3, set.-dez. 2020

## DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA NA AMAZÔNIA PARAENSE



## CULTURAL AND LINGUISTIC DIVERSITY IN THE PARAENSE AMAZON

Adriane BARROSO  
Ediene PENA-FERREIRA

Universidade Federal do Oeste do Pará, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR

RECEBIDO EM 30/06/2020 • APROVADO EM 03/12/2020

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v9i3.2574>

---

### Resumo

---

Utilizando como fonte pesquisas já realizadas (SOARES, 2008; GUEDES, 2012), objetivamos, neste artigo, apresentar alguns aspectos do falar paraense, no que se refere à fonética e ao léxico, buscando evidenciar a diversidade linguística presente no estado do Pará. A discussão se volta para a visão equivocada de unidade linguística. Sendo a língua um complexo de variedades (RODRIGUES, 2012), é natural haver diferenças na manifestação da língua portuguesa em comunidades muito diferenciadas cultural e historicamente. Por isso, tomando por base as cidades de Belém, Santarém, Marabá, Redenção e Castanhal, apresentamos exemplos de diversidade linguística paraense, decorrente da diversidade histórico-cultural da região amazônica.

---

## Abstract

---

Using as a source of research already carried out (SOARES, 2008; GUEDES, 2012), we aim, in this article, to present some aspects of Pará's discourse, not referring to phonetics and Mexico, seeking to highlight a linguistic diversity present in the state of Pará. The discussion turns to a mistaken view of linguistic unity. As a language is a complex of varieties (RODRIGUES, 2012), it is natural that there are differences in the manifestation of the Portuguese language in very culturally and historically different communities. Therefore, using the cities of Belém, Santarém, Marabá, Redenção and Castanhal, it presents examples of linguistic diversity in Pará, arising from the historical and cultural diversity of the Amazon region.

---

## Entradas para indexação

---

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua. Diversidade linguística. Variedades paraenses.

**KEYWORD:** Language. Linguistic diversity. Paraense varieties.

---

## Texto integral

---

O Brasil é caracterizado por uma grande pluralidade linguística brasileira, documentada e reconhecida por meio do Decreto nº 7.387, de 9 de dezembro de 2010, que instituiu o Inventário Nacional da Diversidade Linguística, instrumento oficial para conhecer essa diversidade e para preservar tantas línguas com alto risco de desaparecimento.

Hoje são faladas no Brasil cerca de 200 línguas, entre línguas indígenas, de imigração, de fronteira, de comunidades afro-brasileiras e de sinais. Porém, a diversidade linguística não está presente apenas em línguas diferentes, dentro de um mesmo idioma é possível perceber a coexistência de variedades em uma mesma língua (RODRIGUES, 2013; OLIVEIRA, 2008). Consideramos variedade, de acordo com Rodrigues (2012), várias maneiras de uma língua ser realizada.

A língua portuguesa possui uma grande diversidade interna, dependendo de onde é falada, temos a variedade africana, a variedade europeia e a variedade brasileira. Considerando a variedade brasileira, por exemplo, assim como as demais, podemos perceber uma grande variedade linguística, em decorrência da variedade cultural e da história de formação do país, mesmo assim a tentativa de se padronizar o português e de se escolher uma única variedade como sendo a própria língua ainda predomina no país (OLIVEIRA, 2008).

Devido à grande extensão territorial e à divisão do Brasil em regiões, é natural que cada região tenha características que a identifiquem do ponto de vista linguístico. Apresentaremos, como exemplo, o caso do estado do Pará que, devido a diferentes fatores – históricos, culturais, econômicos é caracterizado por diferentes

formas de manifestação da língua portuguesa. Por isso podemos dizer que não existe a variedade paraense, mas variedades paraenses.

Este trabalho tem como objetivo apresentar alguns aspectos da diversidade linguística do estado do Pará, com vistas a mostrar diferentes manifestações do português na fonética e no léxico. Ao longo do texto, apresentamos exemplos da diversidade linguística paraense que, como já falamos, existe em decorrência da diversidade histórico-cultural da região amazônica paraense. Evidenciando algumas particularidades, na fonética, nas cidades de Belém, Santarém e Marabá; e no léxico, nas cidades de Santarém, Redenção e Castanhal.

## 1 CONTEXTUALIZANDO A AMAZÔNIA PARAENSE

A denominação Amazônia Legal foi criada pelo governo brasileiro, por meio da lei 1.806 de 6 de janeiro de 1953, como forma de desenvolver os estados da região amazônica, social e economicamente. A Amazônia legal abrange oito estados (Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins) e parte do Estado do Maranhão, ocupando assim, 61% do território nacional. Seus limites foram alterados várias vezes em consequência de mudanças na divisão política do país. O estado do Pará pertence à região Norte do Brasil, e é o segundo estado em tamanho, com 1.247.955,238 km<sup>2</sup>. A origem do seu nome vem do termo “pa’ra”, o mesmo que “rio-mar” na língua tupi-guarani. O primeiro nome dado à região foi “Feliz Luzitânia”, substituído depois por “Grão-Pará” (grande rio), que se modificou apenas para Pará, como é chamado atualmente.

As cidades escolhidas para falarmos da diversidade linguística foram: Belém, Redenção, Castanhal, Marabá e Santarém, cujos dados foram obtidos, principalmente, das pesquisas de doutorado e mestrado dos pesquisadores Soares (2008) e Guedes (2012), respectivamente. Belém por ser a capital, Santarém porque se localiza a Oeste do estado do Pará e é a sede da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), onde se concentram os trabalhos realizados pelo Grupo de Estudos Linguísticos do Oeste do Pará (Gelopa). E Marabá que se localiza ao Sudeste do Pará, entre dois grandes rios, Tocantins e Itacaiunas, e apresenta uma população com grande diversidade, em decorrência da miscigenação de pessoas e culturas, que faz jus ao significado popular do seu nome: “filho da mistura”. A cidade também é conhecida como Cidade Poema, pois seu nome foi inspirado no poema Marabá do escritor Gonçalves Dias. Marabá tem apenas 105 anos, sua formação se deu por conta da descoberta do garimpo de Serra Pelada. Essas cidades são consideradas importantes centros políticos e econômicos da mesorregião na qual se localizam, e serão, brevemente, descritas a seguir.

Uma das cidades é a capital paraense, fundada em 12 de janeiro de 1616, pelo capitão-mor português Francisco Caldeira Castelo Branco, em uma área conhecida por Forte do Castelo. O capitão foi enviado pela coroa portuguesa para ocupar a foz do rio Amazonas contra os holandeses e ingleses. Com o processo de colonização através da escravização das tribos indígenas (Tupinambás e Pacajás) e invasão de estrangeiros (holandeses, ingleses e franceses) vieram as guerras: como

a revolta dos Tupinambás; a guerra Justa e a guerra da Cabanagem. Em seguida, a cidade foi elevada à categoria de município e também capitania, com a denominação de Santa Maria de Belém do Pará ou Nossa Senhora de Belém do Grão Pará no mesmo ano da fundação. Belém é o município mais populoso do Pará e o segundo da região Norte com uma população de 1.452.275 habitantes (IBGE, 2017; TAVARES, 2008; OLIVEIRA, 2001).

Redenção foi criada junto com o município de Conceição do Araguaia. Depois foi elevada a condição de vila por meio da Lei nº 4.568, de 04 de junho de 1975, nessa época, o ouro e a madeira estimularam o crescimento comercial e populacional. Em 13 de maio de 1982, com a lei nº 5.028, assinada pelo deputado estadual Plínio Pinheiro Neto, Redenção emancipa-se do município de Conceição do Araguaia, passando à categoria de cidade. Porém, sua fundação ocorreu no dia 21 de setembro de 1969; com o nome de Boca da Mata. Em 04 de junho de 1975 foi nomeada em distrito de Conceição do Araguaia, ficando conhecida oficialmente de Redenção pelo Deputado Estadual Plínio Pinheiro Neto. A cidade tem uma área territorial de 3.823,809 km<sup>2</sup> e população estimada em 84.787 pessoas, seu nome deve-se pelo fato de a cidade ser umas das primeiras a libertar os escravos, por meio de uma declaração assinada em 1º de janeiro de 1983 por Deocleciano Ribeiro de Menezes.

O município de Castanhal possui um contingente populacional aproximadamente de 200.793 pessoas, distribuídos em uma área de 1.029,300 km<sup>2</sup>. Seus primeiros habitantes foram colonos e nordestinos. Este município recebeu o nome de Castanhal em virtude de uma castanheira (*Bertholletia excelsa*) no local em que construiriam uma estrada de ferro. A cidade de Castanhal, por força da Lei nº. 646, de 06-06-1899, passou a categoria de Vila. Sua instalação solene ocorreu no dia 15 de agosto de 1901, junto com a comemoração da Adesão do Pará à Independência, no regime Republicano.

A cidade de Santarém é uma das mais antigas da região amazônica, fundada por Felipe Bettendorf, em 22 de junho de 1661. Sua colonização inicia-se com a chegada das expedições militares dos conquistadores portugueses no século XVII que trouxeram as missões religiosas e colonizadores para a Amazônia. Em 1758, a aldeia de Tapajós foi elevada à categoria de vila, quase um século depois foi elevada à categoria de cidade. Atualmente, Santarém é o principal centro urbano do Oeste do Pará, com uma população de 296.302 habitantes.

Outra cidade desta pesquisa é Marabá, no Sudeste do Pará, e a mais nova das três cidades paraenses escolhidas. Criada em 27 de fevereiro de 1913, através da lei estadual nº 1278, porém, oficialmente sua fundação ocorreu no dia 5 de abril do mesmo ano, data que passou a ser comemorado o seu aniversário. O nome da cidade é de origem indígena, significa filho do prisioneiro ou estrangeiro ou filho da índia com o branco. Os primeiros migrantes foram maranhenses, goianos e piauienses à região, atraídos por grandes cauchais às margens do rio Itacaiúnas. A ampliação ao acesso da cidade deu-se com a abertura da PA-70, em 1969, ligando Marabá à rodovia Belém-Brasília. Em 1980, com a descoberta do garimpo de Serra Pelada, a 100 km da cidade, a população cresceu significativamente, atraída pela extração de ouro. Atualmente, Marabá é um grande entroncamento logístico,

interligada por cinco rodovias ao território nacional, por via aérea, ferroviária e fluvial, com uma população em torno de 271.594 habitantes.

## 2 DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

A formação cultural do Brasil é resultado da miscigenação de diversos grupos étnicos, que participaram da formação da população do país. Não temos uma cultura brasileira verdadeiramente homogênea.

Essa diversidade cultural é resultado da integração de elementos do povo português colonizador, indígena e negro africano. Da cultura portuguesa, herdamos a língua portuguesa, a festa junina e a religião católica. Da cultura indígena, herdamos o costume de dormir na rede; vocábulos; técnicas de coivara; utilização da mandioca, entre outros. Da cultura negra africana herdamos no vestuário: turbante, colares de ponta, roupas com inspiração africana; na música: o berimbau, o samba e bossa-nova; na culinária: o dendê, o caruru, o vatapá e o acarajé; na religião: candomblé e umbanda, no esporte: a capoeira; na língua: palavras como banguela, caçula, macambúzio, batucar, cochilar e xingar (TAVARES, 2008; OLIVEIRA, 2001).

Atualmente, é muito comum utilizar o termo *diversidade* para tentar exigir respeito a camadas diferentes da sociedade, principalmente à chamada minoria, é um termo muito difundido, fala-se em diversidade cultural, diversidade de gênero, diversidade sexual, diversidade religiosa, diversidade social.

A diversidade cultural, como o próprio nome define, é a existência de diferentes culturas no país, seus costumes, valores e tradições. Esse termo foi criado para compreender os processos diferentes de determinada cultura.

A língua é o elemento fundamental da diversidade cultural. Algumas tendências linguísticas da atualidade, como a sociolinguística, o funcionalismo e a pragmática, definem a língua como heterogênea, um instrumento de interação social, existente devido aos seus usos, resultante da possibilidade que os homens têm de se comunicar. De acordo com Lucchesi (2015), é a heterogeneidade da língua que reflete as condições sociais do seu uso e sua funcionalidade no universo da diversidade cultural que é usada.

A língua é um dos bens mais relevantes, pois é através dela que se dão as transmissões culturais e o sujeito constrói seu espaço na sociedade. Como afirma, Rodrigues (2013, p. 4):

As línguas naturais são não apenas instrumentos de comunicação social, mas também os meios de que dispõem os seres humanos para elaborar, codificar e conservar seu conhecimento do mundo. Cada língua está intimamente ligada aos processos cognitivos e à experiência acumulada pelo povo que a fala através de sucessivas gerações. As descobertas que, elaboradas e reelaboradas pela inteligência ao longo de milênios, formaram o imenso acervo de

conhecimentos integrados que é a cultura, têm sua expressão mais ampla e mais precisa na língua que se desenvolveu como parte e como instrumento dessa cultura [...].

O Brasil é conhecido por sua diversidade linguística, fato decorrente de sua extensão territorial e diferentes tipos de colonização. Contabiliza-se que, atualmente, mais de 200 línguas sejam faladas em nosso país, além das indígenas, de sinais e afro-brasileiras, fato não levado em consideração pela maioria da sociedade brasileira. Dessa forma, de acordo com Oliveira (2008), a concepção que se tem do país é a de que aqui se fala uma única língua, a língua portuguesa. Ser brasileiro e falar o português (do Brasil) são, nessa concepção, sinônimos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, publicados pelo Ministério da Educação e do Desporto (1998, p.29), afirmam que:

a variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala [...] A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre o que se deve e o que não se deve falar e escrever, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua.

Dessa forma, percebemos como não podemos nos deter no mito de que existe uma única língua, assim como não podemos entender língua como unidade. De acordo com Rodrigues (2012), uma língua é um conjunto de variedades, um conglomerado de variantes.

## 2.1 Diversidade Linguística no Contexto Paraense

O estado do Pará, localizado no Norte do Brasil, é considerado o segundo maior estado brasileiro em área com seus 1247,6 mil km<sup>2</sup> de extensão territorial, sendo o mais populoso da região norte com 8.602.865 habitantes. O Pará é composto por cidades com diferentes formações culturais, e estas cidades, devido a suas formações culturais, apresentam diferentes sotaques, diferentes expressões

linguísticas, não só em relação às outras regiões do Brasil, mas também em relação a outras cidades do próprio estado. Embora existam diferentes línguas indígenas no Pará, nosso objetivo não abordar as diferentes línguas, mas mostrar as diferenças no uso da língua portuguesa.

Embora, por razões didáticas, se fale em linguagem paraense, para designar a maneira de falar dos moradores desse estado, não podemos dizer que exista a linguagem paraense, mas falares paraenses. É consciência de que existem variedades paraenses (e não a variedade paraense) é uma forma de desmitificar a visão de uma única língua que a maioria da sociedade tem a respeito da cultura linguística amazônica e brasileira.

Na fala da população da Região Norte, preferencialmente, há uma grande influência da colonização portuguesa, de onde herdamos o som chiado: o s com som de X, em palavras como *mesmo*, ou ao fim de sílaba, como em *folhas*. A influência de Portugal também pode ser percebida no uso do pronome pessoal “tu”, que tem sua conjugação na segunda pessoa, diferente do que ocorre em algumas regiões brasileiras, que conjugam o “tu” na terceira pessoa. Também tivemos influências no falar paraense dos povos indígenas, como nas palavras da língua Tupi: *carapanã* e *igarapé*, frequentes na fala paraense até hoje (SANTOS, 2017).

A ideia de que existe um sotaque único do Norte, da mesma forma que existe uma linguagem do estado do Pará foi motivo de muitas críticas dos paraenses à novela da Glória Perez, “A Força do Querer”, no ano de 2017, exibida pela Rede Globo de Televisão. Havia um núcleo que morava em um vilarejo do Pará, que retratava um pouco da cultura paraense, costumes, mitos e linguagem. Os primeiros capítulos receberam críticas de boa parte da população paraense que dizia não se reconhecer no sotaque dos personagens.

As críticas, talvez, em conta de que região do Pará a autora usou de laboratório para os atores construírem os personagens da comunidade fictícia do Pará, o “Parazinho”. Foi levada em consideração, uma dada comunidade linguística, uma dada cidade, exemplificando as principais expressões linguísticas que os personagens falavam nessa narrativa: “égua”, “tu”, “olha já”, “mas quando já”, “tu és lesa, mana”, “arriégua”. Dessa crítica, podemos observar que, para a maioria das pessoas, existe uma única linguagem paraense, e por isso as pessoas queriam se identificar com as falas de alguns personagens da novela.

A concepção que subjaz dessa crítica, é de que existe uma única variedade paraense. As pessoas queriam se identificar com o sotaque apresentado na novela, grande equívoco, pois o Pará é constituído de microrregiões, e essas microrregiões são construídas por cidades que tiveram formação cultural e histórica diferentes, foram colonizadas em tempo diferentes, por povos diferentes e com objetivos diferentes. E isso é de suma importância, para se entender a existência as variedades de uma comunidade.

Por exemplo, há uma proximidade entre o falar de Belém e de Santarém, devido às fortes características da colonização portuguesa (ver tabela 1 e 2), mas a região do Sul do Pará, não se caracteriza pelos mesmos aspectos do falar nem de

Belém e nem de Santarém, uma justificativa é porque estão em sub-regiões diferentes, com colonização e formação culturais diferentes.

Dessa forma, verificamos a importância de entendermos a diversidade linguística para não fazermos generalizações desnecessárias, infundadas, equivocadas quando falamos de língua. Por exemplo, as pessoas de algumas regiões brasileiras, sobretudo Sul e Sudeste, consideram o restante do Brasil, como Nordeste ou Norte, uma região única, fato originado, em sua maioria, da sua influência cultural e econômica, da pouca visibilidade e da distância dessas duas regiões do restante do país.

É tão incoerente afirmar que existe uma única variedade da língua portuguesa, assim como, existe uma única variedade paraense ou uma variedade do município de Santarém, pois no município se concentram sub-regiões (rios, planalto, várzea) e mesmo na área urbana, não temos unanimidade no uso dessa língua. É necessário discutir sobre a variedade da língua paraense e contribuir com respeito por essa diversidade linguística.

## 2.2 Alguns aspectos dos falares paraenses

Para este trabalho, pesquisamos alguns estudos já realizados sobre as diferentes manifestações da língua portuguesa em cidades paraenses. Os projetos ALISPA (Atlas Linguístico Sonoro do Pará) e ALIPA (Atlas Linguístico do Pará), coordenados por professores da Universidade Federal do Pará, vêm contribuindo bastante com a descrição do português do estado do Pará. Há importantes trabalhos que tentam mapear os diferentes aspectos dos falares do nosso estado. Podemos citar a dissertação de Marilucia Oliveira: *manutenção e apagamento do (r) final de vocábulo na fala de Itaituba* (2001); o estudo de Raquel Lopes: *A realização variável dos ditongos /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA* (2002); a dissertação de Carlene Ferreira Nunes: *Variações do fonema /λ/ no falar de quatro localidades do sudeste do Pará: uma descrição geo-sociolingüística* (2006); a tese de Eliane Pereira Machado Soares: *As palatais lateral e nasal no falar paraense: uma análise variacionista e fonológica* (2008); a dissertação de Regis José da Cunha Guedes: *Estudo geossociolingüístico da variação lexical na zona rural do estado do Pará* (2012); a dissertação de Cyntia de Sousa Godinho: *Variação das Oclusivas Alveolares no Falar Paraense* (2012); o trabalho de Edson de Freitas Gomes: *Variação Lexical em Seis Municípios da Mesorregião Sudeste Paraense* (2013) e o estudo de Fábio Luidy de Oliveira Alves: *A desnasalização em sílabas átonas finais no falar de Belém: um estudo de variação linguística* (2019).

Dentre esses trabalhos, escolhemos para exemplificar a variedade paraense os trabalhos de Soares (2008) e de Guedes (2012), que abordam aspectos relativos às manifestações fonético-fonológicas e lexicais da fala, respectivamente.

### 2.2.1 Realização fonético-fonológica

Soares (2008) estudou a realização dos fonemas palatais. Em relação à produção das palatais /ʎ/ e /ɲ/, estudos (CARVALHO, 2000; OLIVEIRA, 2001; SOARES 2008) demonstram que o Pará se caracteriza por variedade na produção desses fonemas. Por exemplo, em Soares (2008), verificamos a seguinte preferência:

Realização Cidade	[ɲ]	[j]	[ʎ]
	N/ %	N/ %	N/ %
Belém	425/74	43/8	103/18
Santarém	348/59	13/2	231/39
Marabá	303/44	84/12	305/44

Tabela 1: Atualizada de Soares (2008).

Conforme os dados da tabela 1, o /ʎ/ pode ser realizado, no falar paraense, como: [ɲ], [j] e [j]. Lembramos que o [ɲ] corresponde à variante lateral palatalizada; o [j] corresponde à variante lateral dental ou alveolar seguida de semivogal e o [j] corresponde à variante semivogal (despalatalizada). Esses dados pertencem a Soares (2008) que utilizou registros sonoros do projeto ALISPA (Atlas Linguístico Sonoro do Pará). As gravações possuem tempo estimado de 40 a 60 minutos. Foram utilizados termos que continham os fonemas em causa, resultando num total de 3.832 ocorrências. Convém lembrar que, nos dados utilizados por Soares (2008), o [ɲ] é o que foi usado em [mu'liɛ] 'mulher'; [j] é o que foi usado em [tra'balju] 'trabalho'; e [j] é o que foi usado em [fiju] 'filho'.

Se atentarmos à tabela 1, podemos observar o comportamento diferenciado de cidades como, Belém e Santarém de um lado; e Marabá de outro. As primeiras preferem utilizar a variante [ɲ]; ao passo que esta última prefere [j]. Isso, talvez, possa ser explicado considerando as características históricas dessas cidades. Santarém e Belém são cidades mais antigas, 359 e 402 anos, respectivamente, com fortes características da colonização portuguesa. Marabá tem apenas 107 anos, portanto durante sua fundação, 1913, não estava sob o jugo da colonização portuguesa, pois em 1913, o Brasil já era país independente. Essas diferenças históricas explicam as diferenças linguísticas encontradas nas cidades paraenses.

A diversidade de uso também é percebida na realização do fonema /ɲ/. Observemos a tabela 2.

Realização Cidade	[n]	[j]	[ɲ]
	N/ %	N/ %	N/ %
Belém	529/64	227/27	77/9

Santarém	284/57	94/19	118/24
Marabá	149/16	785/82	23/6

Tabela 2: Atualizada de Soares (2008)

De acordo os dados com a tabela 2, o /ɲ/ pode ser realizado, como: [ɲʲ], [j] e [ɲ]. O [ɲʲ] corresponde à variante nasal palatalizada; o [j] corresponde à variante semivocal (nasalizada) e o [ɲ] corresponde à variante nasal palatal. Os dados da tabela 2, também são resultados do trabalho da pesquisadora Soares (2008), que utilizou registros sonoros do projeto ALiSPA, totalizando 4.958 ocorrências. Nos dados utilizados pela pesquisadora, o [ɲ] é o que foi usado em [ka'riɲus] 'carinhos'; o [j] é o que foi usado em [mã'jã] 'manhã'; o [ɲʲ] é o que foi usado em [vĩn'jã] 'vinha'. Podemos notar que há uma ocorrência maior do [ɲʲ] na capital paraense e em Santarém devido à história de colonização e migração serem parecidas. Enquanto que, em Marabá, região localizada ao Sudeste do Pará, houve uma decorrência maior da variante [j], devido as características peculiares de sua construção histórica e cultural.

### 2.2.2 Variação Semântico-Lexical na Linguagem Paraense

Utilizando o questionário léxico-semântico do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), os pesquisadores paraenses vinculados ao projeto GeonLinTerm para a elaboração do Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALiPA) aplicaram o questionário à falantes: de Santarém, de Castanhal por pertencer a região metropolitana de Belém e de Redenção por pertencer a região Sudeste do Pará e ser bem próxima à Marabá. As perguntas foram feitas de acordo com alguns campos semânticos: Natureza e Acidentes Geográficos; Fenômenos Atmosféricos; Fauna e humano.

- Em relação ao campo: Natureza e Acidentes Geográficos fizeram as seguintes perguntas: 1 "Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco na água que puxa para baixo. Como se chama isto?" Resposta esperada: Redemoinho; 2 "Como é o nome do movimento da água do rio (limitar o balanço das águas)?" Resposta esperada: Onda de rio/ onda ou banzeiro. Veja as respostas abaixo:

Cidades	Resposta da Pergunta 1	Resposta da Pergunta 2
Santarém	Redemoinho/ funil	Onda/ Maresia

Redenção	Funil/ remanso/ Redemoinho	Banzeiro/ Onda/ Remanso
Castanhal	Redemoinho	Banzeiro/ Maresia/ Onda

Fonte: Guedes (2012)

- Em relação ao campo: Fenômenos Atmosféricos, as perguntas selecionadas são: 1- “Como se chama uma chuva que é bem fininha e demora a passar?” Resposta esperada: Chuva miúda e demorada/ Chorisco/ Chuvisco. Variantes: Chuvisco e neblina.

Cidades	Resposta da Pergunta 1
Santarém	Chuvisco/ Chuva fina/ Garoa/ Cerração
Redenção	Chuvisco/ Neblina
Castanhal	Chuvisco

Fonte: Guedes (2012)

- Em relação ao campo Fauna: as perguntas foram: 1 “Como se chama aquele bicho que canta no ouvido da gente, quando a gente está dormindo?” Resposta esperada: Pernilongo/ Carapanã/ Muriçoca. Variantes: Muriçoca, Carapanã e Pernilongo. 2 “Como se chama a ave de criação parecida com galinha, de penas pretas com bolinhas brancas?” Resposta esperada: Galinha D’angola/ Picota. Variantes: Angolista, Cocar e Picota.

Cidades	Resposta da Pergunta 1	Resposta da Pergunta 2
Santarém	Pernudo/ Carapanã/ Muriçoca	Picota/ Galinha d’angola
Redenção	Carapanã/ Muriçoca/ Pernilongo	Cocar/ Perdiz/ Guiné/ Galinha d’ angola
Castanhal	Carapanã/ Muriçoca	Picota

Fonte: Guedes (2012)

- Em relação ao campo: Cultura e Convívio, a pergunta foi: “Como se chama pessoa que não gosta de ganhar seu dinheiro e às vezes passa dificuldade para não gastar”? Resposta Esperada: Pessoa sovina/ Mão de vaca. Variantes: Sovina, mão de vaca, miserável, pão-duro, mão trancada.

Cidades	Resposta da Pergunta 1
Santarém	Mão-fechada/ Suvino/ Escasso/ Mão-de-vaca/ Miserável
Redenção	Miserável/ Canguinhas/ pão- duro/ Muchiba
Castanhal	Miserável/ Mão-trancada/ Mão- de-vaca

Fonte: Guedes (2012)

Na pesquisa Estudo geossociolinguístico da variação lexical na zona rural do estado do Pará de Regis José da Cunha Guedes foram cartografados doze municípios da região paraense, porém, escolhemos apenas três: Santarém, Redenção e Castanhal. A cidade de Santarém, representando o Oeste do Pará, Redenção o Sudeste do Pará e Castanhal por ser bem próxima da capital. Essa pesquisa mostra como no estudo do léxico o falante assimila marcas da sua colonização e consegue ser criativo nos usos de termos linguísticos a partir dos recursos oferecidos por uma língua.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil foi colonizado por diferentes povos e em diferentes momentos de nossa história, o que contribuiu para uma multiplicidade cultural e a não uniformidade de uma língua falada nas cinco regiões do país, o que resultou em um país multilíngue e multicultural. O fato de a língua portuguesa ser a língua oficial do Brasil contribuiu para que se pense ser esta a única língua falada em solo brasileiro. Citamos, ao longo deste trabalho, que isso não corresponde à realidade, devido à existência de outros idiomas que coexistem com o português. Além disso, é importante frisar que a língua portuguesa não é um bloco monolítico, apresentando assim, grande diversidade.

Por isso, é importante conhecermos e estudarmos a diversidade linguística brasileira, para termos compreensão da nossa própria identidade, história, cultura e formas de colonização de nosso país. Os Parâmetros Curriculares Nacionais

contribuem com a aprendizagem deste tema, ao abordar o tema variação linguística em seus documentos.

O foco desse estudo restringiu-se à região do Pará, à diversidade linguística paraense, apresentando suas histórias e culturas. Neste contexto paraense, apresentamos exemplos na variação fonética e lexical de trabalhos de pesquisadores da área, que corroboram para a desmitificação de que somos um país monolíngue, e que no Pará há uma única variedade paraense.

Nessa perspectiva, é de suma importância aprofundar os estudos acerca das linguagens paraenses, das linguagens da Amazônia brasileira, como uma forma de compreender o fenômeno da variação como algo constitutivo de todo sistema linguístico, não podendo ser a diversidade, seja de que natureza for vista como deficiência. Diferença não é problema a ser resolvido, mas condição do humano, que se expressa em diferentes níveis.

---

## Referências

---

ALVES, Fábio Luidy de Oliveira. A desnasalização em sílabas átonas finais no falar de Belém: um estudo de variação linguística (2019). In.: RAZKY, Abdelhak et al. *Variação e diversidade linguística: anais do vii seminário regional de geossociolinguística*. Belém-Pará. 1 edição, 2019.

BRASIL. *Ministério das Relações Exteriores*. Disponível em: <http://dc.itamaraty.gov.br/imagens-e-textos/revista1-mat8.pdf>. IBGE, 2017. Acesso em: 05 fev. 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARVALHO, Rosana. *Variação do /S/ pós-vocálico na fala de Belém*. 2000. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2000. Curso de Pós-graduação em Linguística.

GODINHO, Cyntia de Sousa. *Variação das oclusivas alveolares no falar paraense*. 2012. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2012. Programa de Pós-Graduação em Letras.

GOMES, Edson de Freitas. *Variação lexical em seis municípios da mesorregião sudeste paraense*. 2013. 131 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2013. Programa de Pós-Graduação em Letras.

GUEDES, Regis José da Cunha. *Estudo geossociolinguístico da variação lexical na zona rural do estado do Pará*. 2012. 189 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2012. Programa de Pós-Graduação em Letras.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em <http://https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/>. Acessado em 17 de fevereiro de 2017.

LOPES, Raquel. *A realização variável dos ditongos /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA*, 2002. Mestrado (Dissertação) - Universidade Federal do Pará, 2002.

LUCCHESI, Dante. *Língua e Sociedade Partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

NUNES, Carlene Ferreira. *Variações do fonema /λ / no falar de quatro localidades do sudeste do Pará: uma descrição geo-sociolinguística*. 2006. Mestrado (Dissertação) - Universidade Federal do Pará, 2006.

OLIVEIRA, G. M. de. *Plurilingüismo no Brasil*. Brasil: UNESCO/IPOL, 2008. Disponível em: [http://www.lacult.unesco.org/docc/Plurilinguismo\\_no\\_Brasil.pdf](http://www.lacult.unesco.org/docc/Plurilinguismo_no_Brasil.pdf). Acesso em: out. 2016.

OLIVEIRA, Marilucia. *MANUTENÇÃO E APAGAMENTO DO (r) FINAL DE VOCÁBULO NA FALA DE ITAITUBA*. 2001. Mestrado (Dissertação) – Universidade Federal do Pará, 2001.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. *Línguas indígenas brasileiras*. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013. p.29. Disponível em: <http://www.laliunb.com.br>. Acesso em: 5 de junho de 2019.

RODRIGUES, A. D. R. *Problemas relativos à descrição do português contemporâneo como língua padrão no Brasil*. In: BAGNO, M. (Org.) *Linguística da norma*. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

SANTOS, Sarah. Como se fala no Pará – a mistura mais evidente entre a língua portuguesa e línguas indígenas. *Revista Babel*, dezembro de 2017.

SOARES, Eliane. *As Palatais Lateral e Nasal no Falar Paraense: Uma Análise Variacionista e Fonológica*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE, 2008.

TAVARES, Maria Goretti da Costa. A formação territorial do espaço paraense: dos fortes à criação de municípios. *Revista ACTA Geográfica*, v. II, n. 3, p. 59-83, jan./jun. de 2008.

---

## Para citar este artigo

---

BARROSO, Adriane; PENA-FERREIRA, Ediene. Diversidade cultural e linguística na Amazônia paraense. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 9, n. 3, p. 1040-1053, set.-dez. 2020.

---

## As autoras

---

**Adriane Gomes Barroso** é mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). Linha de pesquisa: Práticas Educativas, Linguagens e Tecnologias. Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais pela Ufopa. Integrante do Grupo de Estudos Linguísticos do Oeste do Pará (Gelopa). E-mail: [adrianebarroso@gmail.com](mailto:adrianebarroso@gmail.com)

**Ediene Pena-Ferreira** é professora doutora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará/Ufopa. Linha de pesquisa: Práticas Educativas, Linguagens e Tecnologias. Coordenadora do Grupo de Estudos Linguísticos do Oeste do Pará (Gelopa). E-mail: [ediene.ferreira@ufopa.edu.br](mailto:ediene.ferreira@ufopa.edu.br)